

Capítulo E4

Litoral Guianense

Página inicial

Lista das áreas

Talvez a melhor maneira de considerar geograficamente esta área é vê-la como constituída de faixas grosseiramente paralelas ao oceano. Temos uma primeira faixa de manguezais, seguida de uma segunda de terras baixas e alagadiças e uma terceira, cuja altitude vai crescendo para o interior, coberta pela floresta. Os índios aqui considerados vivem nas duas faixas mais próximas do oceano.

Nomenclatura e divisões políticas

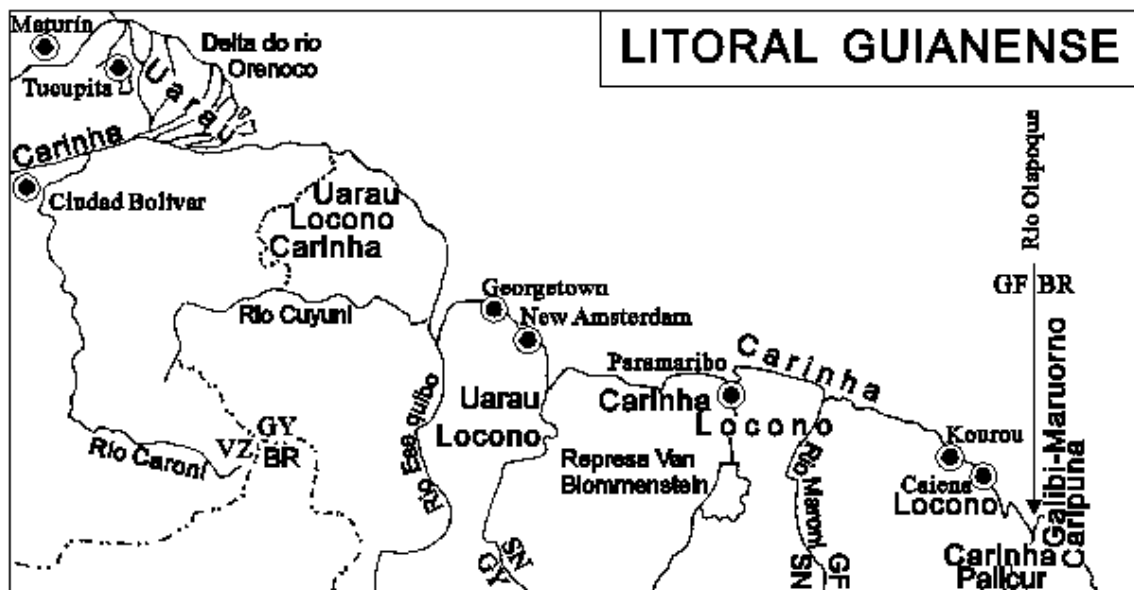
Um primeiro detalhe que nos chama a atenção é a presença de nomes genéricos ao lado de outros que parecem mais específicos. Um dos genéricos é o termo caribe, que se estende por toda a costa. Caribe, termo mais utilizado pelos autores de língua inglesa, seria o equivalente de galibi, dos textos em língua francesa. Este último também é usado pelos pesquisadores brasileiros para designar um grupo do extremo norte do Amapá. Mais recentemente, pesquisadores da Venezuela ou a ela ligados têm divulgado o termo carinha, enquanto pelo menos um autor que pesquisou sobretudo no Suriname preferiu a variação calinha (Magaña 1988). Aliás, o bispo Vazques de Espinosa (1948: 35 § 96 e 69 § 193), que visitou a América espanhola no primeiro quartel do século XVII, faz referência aos "Garina" e "Caribes Garinas" no delta do Orenoco. Uma vez adotado um desses termos, a tendência é estendê-lo a toda a faixa costeira. Como no Brasil se usa o termo de gosto francês galibi, fica uma dúvida: será que os galibis do Brasil, mesmo que se venha a confirmar que carinha ou calinha é sua auto-denominação, vivendo numa das extremidades da área considerada, se consideram como pertencentes ao mesmo grupo dos galibis da Venezuela, que vivem na extremidade oposta? E que dizer dos últimos caribes das Antilhas, os da ilha Dominica? Hurault (1972: 280), por exemplo, diz que os galibis situados entre Iracoubo, na Guiana Francesa, e Paramaribo, no Suriname, não mantêm relações com os que vivem mais para oeste. Por sua vez Kloos (1972b: 470) diz que os caribes do Suriname se dividem em dois grupos: um ocidental, conhecido como *murato*, mesclados visivelmente com negros; o outro, oriental, denominado *telewuyo* ou "puro". Este último deve, por conseguinte, ser o mesmo que Hurault situa entre Iracoubo e Paramaribo.

O mesmo acontece com o termo aruaque, que se distribui desde a Guiana até a Guiana Francesa. Parece haver uma tendência a substituí-lo por locono. Mas há um grupo que se distingue dos demais aruaques por um nome específico: os palicures da Guiana Francesa e do Brasil. O que é que os próprios aruaques pensam disso? Como eles próprios se dividem?

Outros grupos, porém, são mais localizados, como os numerosos uaraus, que se concentram no delta do Orenoco, com uma pequena dispersão no sentido da Guiana. Ou então o pequenino grupo caripuna do Amapá.

Características da população

O litoral aqui considerado demorou a receber a atenção dos conquistadores espanhóis, de modo que seus competidores franceses, holandeses e ingleses conseguiram aí criar colônias. Os portugueses também expandiram seu domínio até o Oiapoque. Tal como aconteceu nas Antilhas, o cultivo em larga escala para exportação conduziu à escravidão de africanos. Na área de colonização holandesa, os escravos vieram a formar quilombos no interior da floresta. Como os colonizadores não conseguissem destruí-los, acabaram fazendo a paz com eles e esses quilombos deram origem a grupos étnicos que existem até hoje: os saramacás, os djucas, os bônis. Os primeiros vivem no Suriname; os últimos migraram para a Guiana Francesa. Já os djucas vivem de um e de outro lado da fronteira.



Entretanto, apesar da liberdade reconhecida aos africanos fugidos para a faixa florestal do sul, muitos continuaram escravos no litoral e vieram a constituir uma fração considerável de sua população atual.

A abolição da escravatura, que se deu em diferentes datas nas colônias inglesa, holandesa e francesa, levou os empresários a substituir os cativos por imigrantes oriundos de domínios coloniais europeus no Oriente: indianos, na Guiana Inglesa; javaneses, na Holanda; até indo-chineses, na Francesa. Hoje os habitantes de origem indiana são tão numerosos quanto os descendentes de africanos na Guiana, e vivem também no Suriname. Acrescentem-se ainda os imigrantes chineses, árabes e portugueses. Embora formem grupos étnicos coesos, não deixaram de dar origem a uma população mestiça. Na Guiana, por exemplo, os mestiços de ameríndios, africanos e europeus, típicos de muitos distritos fluviais da costa, são chamados de *bovianders* (Forte 1988: 329).

Nessa população mestiça, quem sabe, se contam também descendentes de índios escravizados no período colonial. Entre 1667 e 1815, os holandeses tiveram o domínio sobre as terras correspondentes ao atual Suriname e a Guiana. O núcleo urbano hoje chamado Georgetown era sua sede principal. E para aí os índios conhecidos como caribes traziam os escravos que capturavam ou obtinham em trocas com outros grupos, oriundos dos Llanos, do

rio Branco e do baixo rio Negro, e talvez de lugares mais a oriente. O conhecido episódio do chefe manau Ajuricaba está relacionado a essa rede comercial que não envolvia apenas escravos. Nádia Farage (1991) publicou interessante livro sobre essa rede de relações comerciais no período colonial. Quais exatamente os caribes da costa que comerciavam com os holandeses é difícil apontar: os do baixo Orenoco? os da vizinhança de Georgetown? tanto uns quanto os outros? esses e mais outros? Os uaraus, por sua vez, também participavam do comércio com os holandeses, mas como fornecedores de peixes.

Galibis e aruaques atuais

Embora bastante impressionista e referente principalmente à Guiana Francesa de muitos anos atrás, é bem interessante a descrição que faz Hurault (1972) dos galibis (carinhas) e aruaques (loconos) litorâneos. Segundo esse autor, enquanto os galibis vivem de seus roçados de subsistência e da pesca artesanal para abastecimento dos núcleos urbanos (: 280-281), e se contentam com um vestuário sumário e adaptado ao clima, os aruaques preferem o trabalho assalariado, empregando quase tudo que ele lhes rende no vestuário e também nos cabarés e bebidas alcoólicas (: 286-288). Mas não abandonaram sua relação com a terra e são as mulheres, nas aldeias, que cuidam das roças (: 282). Hurault apóia o modo de vida dos galibis, levantando objeções a Kloos, que defenderia o abandono da agricultura e a especialização na pesca (: 298-299).

Embora os aruaques ainda mantenham matriclãs exogâmicos, a ponto de, ao tirar seus documentos, seus nomes clânicos conflitarem com a regra francesa de transmissão dos sobrenomes (: 288-289), suas unidades familiares parecem tender para o mesmo rumo já tomado pelas galibis, o das famílias elementares (: 289-290). Mesmo assim, afirma Hurault, apesar de aparentemente mais "crioulizados" que os galibis, os aruaques guardam mais de sua organização social (: 291). Vale reparar que entre galibis do Amapá provenientes da Guiana Francesa o nome pessoal usado para fins de contato com os não-índios é constituído de um nome individual, seguido do primeiro nome do pai (Arnaud 1968a: 3), costume aliás comum entre sertanejos brasileiros.

Segundo Hurault, os aruaques da Guiana Francesa são oriundos do Suriname e mantêm intensas relações entre si, mas poucas com os galibis (: 286). Mas diz também que mais de 30% dos homens e mulheres galibis que viviam em 1958 na Guiana Francesa tinham vindo também do Suriname (: 292). No que tange à migração para a cidade, em 1958, ela envolvia 12% dos homens e 7% das mulheres galibis, mas de 25 a 30% dos homens e mulheres aruaques. Era muito comum o concubinato destas últimas com comerciantes chineses e "crioulos" do Suriname (: 292). A construção do centro espacial de Kourou, no período de 1966 a 1969, atraiu a mão-de-obra galibi (: 297).

Quanto à atuação missionária, repara Hurault que na Guiana Francesa houve um movimento inverso ao do restante da América Latina. Enquanto nesta o clero se tornava cada vez mais atento para as tradições e a organização familiar indígena, naquela se voltou ao regime da educação em internatos, aplicando-se à criança indígena a legislação francesa referente à criança abandonada, como se a família indígena não existisse (: 295-296).

Os palicures, que vivem de um e de outro lado do baixo Oiapoque, que marca a fronteira Brasil-Guiana Francesa, são descritos por Hurault (: 285-286) como muito desorganizados e

desprovidos de muitas técnicas que no passado os adaptavam ao ambiente. Estavam confiando suas crianças ao internado de Saint Georges, mas eles próprios não encontravam aí nenhuma atividade a desenvolver. Procurava-se, então, com algum sucesso, incentivá-los ao trabalho artesanal. Por outro lado, se bem me lembro, no seu estudo referente aos grupos indígenas do extremo norte do Amapá, Eneida de Assis (1981) considera os palicures os mais conservadores, sobretudo no que tange ao uso do idioma.

Diz ainda Hurault da natalidade indígena elevada (: 293) e de uma alimentação mais rica do que a dos "crioulos".

Hurault defende a tese de que os negros são mais bem adaptados à floresta equatorial do que os índios, porque, apesar da maior incidência de mosquitos na costa do que na mata, aquela é indene ao impaludismo, talvez por causa do regime de ventos marítimos (: 405-409). Entretanto, segundo Janette Forte (1988: 334), os galibis do rio Barama (junto ao rio Barima, ambos próximos do litoral da Guiana e da fronteira com a Venezuela) têm sofrido muito com o impaludismo, enfermidade que já havia sido controlada por volta de 1954, mas voltou a grassar depois da intensificação da mineração de ouro, de meados dos anos 1960 até 1970, atividades de que os galibis participaram a troco de salário, como carregadores e mineiros.

Norte do Amapá

Da área etnográfica do Litoral Guianense, interessa mais de perto aos brasileiros a sua extremidade oriental, que corresponde ao norte do estado do Amapá. Aí, numa faixa entre os baixos cursos dos rios Oiapoque e Cassiporé, figuram quatro etnias: os galibis-maruornos, os caripunas, os palicures e um pequeno grupo de galibis oriundo da Guiana Francesa. O interesse dos etnólogos por esse aglomerado de etnias vem de muito tempo, representado por um texto de Curt Nimuendaju (1926), vários artigos de Expedito Arnaud (1966, 1968a, 1968b, 1969, 1970), uma dissertação de mestrado sobre a atuação da escola por Eneida de Assis (1981), entre outros. Recentemente as pesquisas têm se multiplicado, desenvolvidas sob coordenação de Lux Vidal, professora da Universidade de São Paulo.

Um pequeno livro da própria Lux Vidal (2009), dedicado ao exame das diferentes versões do mito da Cobra Grande, conforme essas etnias, com base em suas primeiras visitas à área nos anos 1990, levanta questões sobre outros temas que estavam a merecer atenção, constituindo-se como que uma introdução. As três etnias mais populosas estão cada qual num dos cursos que formam a bacia do Uaçá, que corre para o norte, tendo sua foz imediatamente à direita da desembocadura do Oiapoque. Os galibis-maruornos estão junto ao próprio curso do Uaçá; os palicures, no seu afluente Urucauá; e os caripunas, em outro afluente, o Curipi. Por sua vez, os galibis estão na margem do Oiapoque.

A ação colonial portuguesa ou francesa diminuiu radicalmente a população indígena no Amapá, e os povos que não chegaram a desaparecer foram dizimados e tiveram sua distribuição modificada. Mesmo após a fixação definitiva da fronteira entre Brasil e Guiana Francesa no rio Oiapoque, em 1900, ainda perduraram os deslocamentos. Os caripunas povoavam gradativamente as margens do rio Curipi; os palicures, preocupados com a fixação da fronteira internacional, passaram todos para a Guiana Francesa, mas depois retornaram para o Urucauá; e os galibis-maruornos viviam dispersos por diversas ilhas no alto Uaçá. É a partir da década de 1930 que o governo brasileiro se faz mais presente, pelo estabelecimento

de uma força-tarefa no Encruzo, isto é, a confluência dos rios Uaçá e Curipi. O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) começa a afastar intrusos e comerciantes que se haviam instalado para explorar ouro e madeira de lei. Também dá início à instrução escolar. A partir de aproximadamente 1970, a FUNAI, que substitui o SPI, e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) dão início a um programa de auto-valorização dos indígenas, demarcação de terras, educação diferenciada, promoção de um curso para professores indígenas, valorizando a cultura de cada povo, inclusive, no caso dos grupos que o falam, do patoá como língua materna. O Encruzo foi limitado a seu papel de posto indígena, e uma fazenda militar de criação de búfalos, no Uaçá, foi desativada. E em tempos mais recentes suas terras se consolidam, homologadas que são em 1992. Criam-se organizações indígenas, nomeiam-se índios para cargos públicos do Estado do Amapá e da FUNAI, e ainda se elegem outros como vereadores e até prefeito do município de Oiapoque, passando os índios a atuar em projetos, entre outros os de desenvolvimento sustentável. A rodovia BR-156, que liga Macapá a Oiapoque, passa a sudoeste das terras indígenas, foi pavimentada, e ao longo de seu traçado se estende uma linha de transmissão elétrica.

Os galibis-maruornos resultam de reunião de descendentes de vários grupos, principalmente caribes, maruornos e aruãs. Hoje não falam língua de qualquer dos grupos que os constituíram, a não ser umas poucas frases de galibi antigo em ambiente ritual. Em seu lugar falam um patoá francês que têm como língua indígena. Sua principal aldeia é Kumarumã.

Os caripunas também resultam da convergência de várias etnias e mesmo de pessoas de origem não indígena, como as oriundas das vizinhanças de Vigia, no litoral paraense. Falam também patoá francês. Sobre os caripunas Antonella Tassinari (2003) publicou sua tese de doutorado, orientada por Lux Vidal. A pesquisadora começa por examinar longamente a ocorrência do nome “caripuna” e assemelhados nos documentos dos séculos passados, sem encontrar relação com os assim chamados que hoje vivem no rio Curipi, que têm ascendentes diversos, tanto indígenas como não. Mas não se trata de uma mistura caótica. As genealogias que ela toma dos caripunas atuais mostram que o grupo se forma em torno de um núcleo de pessoas que casam entre si preferencialmente, mas incorporam indivíduos de fora que se mostram propensos a atender às expectativas do grupo. É por intermédio das festas que a pesquisadora esclarece como se organizam os caripunas, em famílias, conjuntos de famílias, aldeias, conforme o alcance da festa a se realizar: se do santo padroeiro da aldeia, se do Divino Espírito Santo, padroeiro de todo o Curipi. Também é a propósito das festas que ela explica como se organiza o trabalho nos mutirões. As festas são de diferentes domínios. Há as chamadas *turé*, dirigidas por um xamã e de que participam principalmente aqueles que costumam procurá-lo para resolver seus problemas, e que correspondem mais ou menos a sua parentela. Há as festas oriundas do catolicismo popular. E há também as ocasiões festivas não religiosas, como as partidas de futebol entre diferentes times do Curipi, entre a seleção do Curipi com outros times do Uaçá, ou até com times da Guiana Francesa. Acrescentem-se as comemorações do Dia do Índio e a do Sete de Setembro. O livro, cuja apresentação gráfica é muito boa, mostra alguns mapas bem cuidados da região (pp. 67, 73, 155), que dão suporte à sua leitura bem como à leitura dos textos de outros pesquisadores do projeto.

Os palicures, considerados mais conservadores, talvez entre outros motivos por falarem sua língua nativa, da família aruaque, e por terem se mostrado mais resistentes ao controle estatal, vieram entretanto a se converter ao pentecostalismo, no que diferem dos demais, cujas

crenças e ritos estão mais moldados pelo catolicismo, popular ou não, por via francesa ou brasileira. Estão estabelecidos de um e de outro lado da fronteira internacional. Artionka Capiberibe (2004), que também integra o grupo de pesquisadores coordenado por Lux Vidal, publicou um artigo sobre o evangelismo palicur, que deriva de sua dissertação de mestrado, orientada por Robin Wright. A pesquisadora faz a história da conversão dos palicures, cujo preparo foi realizado por um casal do Summer Institute of Linguistics, que trabalhava no estudo da língua indígena e na tradução da Bíblia. Apesar do cuidado do casal em não precipitar os acontecimentos, a conversão foi desencadeada por um missionário norte-americano da New Tribes Mission. Ele viajava para a Argentina, mas, por problemas na embarcação, ficou no Oiapoque. Conduzido aos palicures por um militar brasileiro da base de Clevelândia, fazia a pregação em inglês, traduzida ao português pelo militar, a qual por sua vez era traduzida para a língua indígena por um palicur. A pesquisadora descreve a implantação da Assembléia de Deus, sublinha a importância da experiência do batismo de fogo, e dos novos princípios pelos quais os palicures devem pautar sua vida: abandono do caxiri, do fumo, adaptação do vestuário, abandono do xamanismo, proibição da competição nos esportes, procura de cônjuge da mesma religião. Discute como o êxtase pentecostal preenche a lacuna deixada pelo caxiri e pelo xamanismo. Relata a atitude competitiva mostrada pelos Adventistas do Sétimo Dia da Guiana Francesa, com os quais os palicures pentecostais procuram manter boas relações, chegando até a guardar o sábado, além do domingo. Sublinha também a oscilação do interesse pela experiência religiosa, com períodos em que o templo é muito frequentado, alternado com outros de templo vazio. A antiga cosmologia palicur bem como a tradição católica permanecem como pano de fundo, pois na primeira se fundamenta a exogamia dos clãs e da segunda ainda se consideram as relações de compadrio.

Quanto aos galibis ou carinhas oriundos Guiana Francesa, eles são cerca de sete dezenas e migrados em época recente, por volta da década de 1950. Eles vêm do litoral ocidental da Guiana Francesa, da região do rio Maná. Guardam sua língua indígena, da família caribe.

Uaraus

No que tange aos tempos recentes, salvo engano são os uaraus os índios desta área sobre os quais as informações são mais copiosas. Vários autores, sobretudo Heinen, têm escrito muito sobre eles. Valeria a pena discutir que razões teriam feito Rivière excluir os uaraus do seu estudo comparativo da região guianense. Tal como nas sociedades indígenas tratadas por Rivière, o sogro (e também a sogra) exercem seu poder sobre o genro, que reside com ele. O grupo doméstico também tem um ciclo de crescimento e decadência que acompanha os esforços e o ciclo de vida do sogro. Também não há grupos unilineares de descendência.

Talvez a diferença esteja no fato de o bando exogâmico uarau constituir uma unidade que abrange relações mais afastadas do que aquelas entre as quais o casamento é permitido pelo ideal de endogamia dos grupos estudados por Rivière. Embora Heinen indique que os casamentos se fazem segundo a aliança de pelo menos três bandos e que um homem costuma ter como segunda esposa a filha da irmã, dando em troca a própria filha (Heinen 1988: 632), não informa como se fazem os casamentos subsequentes entre esses bandos. Alguns poucos bandos compõem a sub-tribo, que constitui uma unidade endogâmica.

Dadas as características do ambiente em que vivem, os uaraus são excelentes construtores de canoas. Passavam a maior parte do tempo dentro delas e, ao morrer, geralmente eram nelas sepultados (Heinen 1988: 624).

Tal como nos Llanos, está presente no delta do Orenoco a palmeira *moriche* (*Mauritia flexuosa*), da qual os uaraus aproveitam vários itens, mas principalmente a fécula, seu alimento básico no passado (Heinen 1988: 612-613), que hoje perde lugar para o inhame chinês, cujo cultivo estimulou sua localização ao longo dos rios. A ida aos *morichales*, ricos em sagu nos meses mais secos, passou a ser desestimulada pela competição com a atividade da derrubada das roças, que se faz no mesmo período (Heinen 1988: 617). A coleta da fécula do *moriche* ainda se faz por motivos rituais, sendo consumida com caranguejos no rito do sagu ou em refeições comunais (Heinen 1988: 613).

A ação de missionários conservadores, no passado, e suas relações com os "crioulos" têm como consequência um sentimento de vergonha, por parte dos uaraus, de seu próprio modo de viver, o que faz com que aqueles que chegam a se profissionalizar, com ajuda da instrução formal, procurem logo migrar para alguma localidade afastada do Delta (Heinen 1988: 674-679). Os próprios programas governamentais se tornam inoperantes pela intromissão e intermediação de comerciantes "crioulos", que chegam até a ameaçar os uaraus com feitiçaria (Heinen 1988: 679-682).

Bibliografia

- ADAMS, Kathleen Joy. 1972. *The Barama River Caribs of Guyana Restudied: Forty Years of Cultural Adaptation and Population Change*. Tese de doutoramento pela Case Western Reserve University (University Microfilms International 73-06271).
- ARNAUD, Expedito. 1966. "Os Índios Galibí do Rio Oiapoque. Tradição e Mudança". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 30.
- ARNAUD, Expedito. 1968a. "O Parentesco entre os índios Galibí do Rio Oiapoque". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 33.
- ARNAUD, Expedito. 1968b. "Referências sobre os Sistema de Parentesco dos Índios Palikúr". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 36.
- ARNAUD, Expedito. 1969. "Os Índios da Região do Uaçá (Oiapoque) e a Proteção Oficial Brasileira". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 40.
- ARNAUD, Expedito. 1970. "O Xamanismo entre os Índios da Região Uaçá (Oiapoque — Território do Amapá)". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 44.
- ASSIS, Eneida Corrêa de. 1981. *Escola Indígena, uma "Frente Ideológica"?* Dissertação de Mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília.
- BAKER, Patrick L. 1988. "Ethnogenesis. The Case of the Dominica Caribs". *América Indígena* 48 (2): 377-401.
- BATEMAN, Rebecca B. 1990. "Africans and Indians: a comparative study of the Black Carib and Black Seminole". *Ethnohistory* 37 (1): 1- .
- CAPIBERIBE, Artionka. 2004. "Os Palikur e o Cristianismo: A construção de uma religiosidade". Em *Transformando os Deuses*, vol. 2 (*Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*) (Robin M. Wright, org.). Campinas: Editora da Unicamp. pp.54-99.
- CIVRIEUX, Marc de. 1970. "Los últimos Coaca". *Antropológica* 26: 1-108.

- DAVIS, Dave D. e R. Christopher GOODWIN. 1990. "Island Carib origins: evidence and nonevidence". *American Antiquity* 55 (1): 37-4 .
- DENEVAN, William M. e Karl H. Schwerin. 1978. "Adaptative Strategies in Karinya Subsistence, Venezuelan Llanos". *Antropológica* 50: 3-91.
- DREYFUS, Simone. 1992. "Les réseaux politiques indigènes en Guyane occidentale et leus transformations aux XVII^e et XVIII^e siècles". *L'Homme*, 122/124: 75-98.
- ESPINOSA, Antonio Vazques de. 1948. *Compendio y descripción de las Indias Occidentales*. Transcrito do manuscrito original por Charles Upson Clark. Washington: Smithsonian Institution (Smithsonian Miscellaneous Collections, 108).
- FARAGE, Nádia. 1991. *As muralhas dos sertões: os povos indígenas no rio Branco e a colonização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, São Paulo: ANPOCS.
- FLEISCHMAN, Mark Lawrence. 1975. *The Warao: a Study in Microevolution*. Tese de doutorado pela University of California, Los Angeles (University Microfilms International 75-19683).
- FORTE, Janette. 1988. "Los Pueblos Indígenas de Guyana". *América Indígena* 48 (2): 323-352, especialmente 329-334.
- GARDNER, Gerald W., Glen H. EGSTROM e Johannes Wilbert. 1968. "Physical Working Capacity of the Warao Indian of Venezuela". *Antropológica* 23: 19-34.
- GARNIER, Odile. 1996. "À la découverte d'indiens navigateurs". *L'Homme* 138: 25-63.
- GONZALEZ, Nancie. 1990. "From cannibals to mercenaries: Carib militarism, 1600-1840". *Journal of Anthropological Research* 46 (1): 25-39.
- HENLEY, Paul. 1985. "Reconstructing Chaima and Cumanagoto Kinship Categories: an Exercise in tracking down ethnohistorical connections". *Antropológica* 63-64: 151-195.
- HEINEN, Heinz Dieter. 1972. *Adaptive Changes in a Tribal Economy: a Case Study of the Winikina-Warao*. Tese de doutoramento pela University of California, Los Angeles (University Microfilms International 73-10431).
- HEINEN, H. Dieter. 1972. "Residence Rules and Household Cycles in a Warao Subtribe: the Case of the Winikina". *Antropológica* 31: 21-86.
- HEINEN, H. Dieter. 1972. "Economic Factors in Marriage Alliance and Kinship System among the Winikina-Warao". *Antropológica* 32: 28-67.
- HEINEN, H. Dieter. 1975. "The Warao Indians of the Orinoco Delta: an Outline of their Traditional Economic Organization and Interrelation with the National Economy". *Antropológica* 40: 25-55.
- HEINEN, H. Dieter. 1975. "Are Tribal Economies 'Embedded' in Kinship Systems?" *Antropológica* 41: 3-34.
- HEINEN, H. Dieter. 1988. "Los Warao". Em *Los Aborígenes de Venezuela*, 3^o volume (Walter Coppens e Bernarda Escalante, orgs.). Caracas: Fundación La Salle e Monte Avila Editores. pp. 585-689.
- HEINEN, H. Dieter e J. LAVANDERO. 1973. "Computación del Tiempo en Dos Subtribus Warao". *Antropológica* 35: 3-24.
- HEINEN, H. Dieter, George SALAS e Miguel LAYRISSE. 1977. "Migración y Distancia Cultural entre Cinco Subtribus del Delta del Orinoco, T. F. Delta Amacuro". *Antropológica* 46-48: 3-44.
- HILBERT, Peter Paul. 1957. "Contribuição à Arqueologia do Amapá. Fase Aristé". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 1.
- HURAUULT, Jean-Marcel. 1972. *Français et indiens en Guyane (1604-1972)*. Paris: Union Générale d'Éditions.
- JARA, Fabiola e Edmundo MAGAÑA. 1983. "Astronomy of the coastal Caribs of Surinam". *L'Homme* 23 (10): 111-133.

- KLOOS, Peter. 1968. "Becoming a Píyei: Variability and Similarity in Carib Shamanism". *Antropológica*: 24: 3-25.
- KLOOS, Peter. 1972a. "Los indios de la Guayana". Em *La situación del indígena en América del Sur* (George Grünberg, org.). Montevideo: Tierra Nueva. Pp. 457-463.
- KLOOS, Peter. 1972b. "Los indígenas del Surinam". Em *La situación del indígena en América del Sur* (George Grünberg, org.). Montevideo: Tierra Nueva. Pp. 465-475.
- KLOOS, Peter. 1985. "Syncretic Features of Contemporary Maroni River Carib Religious Belief". *Antropológica* 63-64: 197-206.
- LAYRISSE, Miguel, H. Dieter HEINEN e George SALAS. 1977. "Demografía de los Indígenas Warao". *Antropológica* 46-48: 45-70.
- MAGAÑA, Edmundo. 1987. *Contribuciones al Estudio de la Mitología y Astronomía de los Indios de las Guayanas*. Amsterdam: CEDAL (LAS 35). Capítulos 5 e 6.
- MAGAÑA, Edmundo. 1988. *Orión y la Mujer Pléyades: Simbolismo Astronómico de los Indios Kaliña de Surinam*. Amsterdam: CEDLA (LAS 44).
- MENEZES, M. Noel. 1988. "The Amerindians of Guyana: Original Lords of the Soil". *América Indígena* 48 (2): 353-376.
- NIMUENDAJU, Curt. 1926. "Die Palikur-indianer und ihre Nachbarn". *Fjaerd Foeljden* 32 (2). Göteborg. Há tradução para o português, no prelo.
- OSBORN, Henry. 1964. "Estructura Familiar de un Clan de Guaraunos". *Antropológica* 13: 11-29.
- OSBORN, Henry. 1970. "Textos Folclóricos Warao V". *Antropológica* 27: 24-43.
- OWEN, Nancy H. 1975. "Land, Politics, and Ethnicity in a Carib Indian Community". *E* 14 (4): 385-393.
- PASSES, Alan. 2006. "Do um à metáfora. Para um entendimento da matemática pa'ikwené (palikur)". *Revista de Antropologia* 49 (1): 245-281. São Paulo: USP – FFLCH – Departamento de Antropologia. [Número em homenagem a Joanna Overing].
- SALAS, George e H. Dieter HEINEN. 1977. "Algunos Materiales para la Demografía Warao". *Antropológica* 46-48: 71-258.
- SALAS, George, H. Dieter HEINEN e Miguel LAYRISSE. 1977. "Confiabilidad y Programación de Datos Demográficos de los Warao". *Antropológica* 46-48: 259-304.
- SCHWERIN, Karl Henry. 1965. *Processes of Karinya Culture Change in Response to Industrial Development*. Tese de doutoramento pela University of California, Los Angeles (University Microfilms International 65-13092).
- TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz.. 2003. *No Bom da Festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*. São Paulo: Edusp.
- VIDAL, Lux. 2009. *A Cobra Grande: Uma introdução à cosmologia dos povos indígenas do Uaçá e Baixo Oiapoque – Amapá*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Museu do Índio (FUNAI).
- WILBERT, Johannes. 1963. "Vestidos y Adornos de los Indios Warao". *Antropológica* 12: 6-26.

Outros textos sobre a área

- ANGROSINO, Michael V. 1972. *Outside is Death: Alcoholism, Ideology and Community Organization among the East Indians of Trinidad*. Tese de doutoramento por The University of North Carolina at Chapel Hill (University Microfilms International 72-24763).

- ARMSTRONG, Robert Plant. 1957. *Patterns in the Stories of the Dakota Indians and the Negroes of Paramaribo, Dutch Guiana*. Tese de doutorado pela Northwestern University (University Microfilms International 00-23482).
- BRANA-SHUTE, Gary. 1974. *Streetcorner Winkels and Dispersed Households: Male Adpatation to Marginality in a Lower-Class Creole Neighborhood in Paramaribo*. Tese de doutoramento por The University of Florida (University Microfilms International 75-19315).
- DE WAAL MALEFIJT, Anna Maria. 1960. *The Javanese Population of Surinam*. Tese de doutoramento pela Columbia University (University Microfilms International 60-05101).
- GIVENS, Shelby Matthew. 1984. *An Ethnographic Study of Social Control and Dispute Settlement among the Aluku Maroons of French Guiana and Surinam South America*. Tese de doutoramento pela University of California, Berkeley (University Microfilms International 84-26971).
- HADEL, Richard Eugene. 1972. *Carib Folk Songs and Carib Culture*. Tese de doutoramento por The University of Texas at Austin (University Microfilms International 73-00447).
- HARRIS, Edwin Ray. 1979. *Change in Calcoene: the Ecology of a Relationship*. Tese de doutoramento pela Southern Illinois University at Carbondale (University Microfilms International 80-04043).
- LENOIR, John D. 1973. *The Paramacca Maroons: a Study in Religious Acculturation*. Tese de doutoramento pela New School for Social Research (University Microfilms International 74-19518).
- RAUF, Mohammad Abdur. 1969. *Crabwood Creek: a Study of Cultural Continuity and Ethnic Identity on Different Generational Levels among East Indians in Guyana*. Tese de doutoramento por The Ohio State University (University Microfilms International 70-14086).
- SKINNER, Elliott Percival. 1955. *Ethnic Interaction in a British Guiana Rural Community: a Study in Secondary Acculturation and Group Dynamics*. Tese de doutoramento pela Columbia University (University Microfilms International 00-12471).
- SUPARLAN, Parsudi. 1976. *The Javanese in Surinam: Ethnicity in an Ethnically Plural Society*. Tese de doutoramento pela University of Illinois at Urbana-Champaign (University Microfilms International 76-24184).
- VAN DELDEN, Jettie. 1968. *Cultural Continuity and Changes in Customary Law: a Study of African and Contemporary Law and Justice among the Bush Negroes of Surinam*. Dissertação de mestrado por The American Univeristy (University Microfilms International 13-01583).
- VAN DER ELST, Dirk Hendrik. 1971. *The Bush Negro Tribes of Surinam, South America: a Synthesis*. Tese de doutorado pela Northwestern University (University Microfilms International 71-30974).

Webgrafia

O site *Povos Indígenas no Brasil* (<http://pib.socioambiental.org/pt>), do Instituto Socioambiental, contém dos seguintes verbetes referentes a povos indígenas desta área:

CAPIBERIBE, Artionka. 2002. “Palikur”.

Equipe de Edição de Povos Indígenas no Brasil. 2006. “Karipuna do Amapá”.

VIDAL, Lux. 2000. “Galibi do Oiapoque”.

VIDAL, Lux. 2000. “Galibi Marworno”.

LITORAL GUIANENSE					
Nome tribal e sinônimos	CGNT	Classificação lingüística	População	Data	Fonte
carinha	Karíña	caribe	66 BR	2006	PIB
calinha	Kaliña		1.700 GF	s.d.	Mar: 220
galibi	Galibí		4.800 SN	s.d.	Mar: 230
caribe	Karíb		600 GY	s.d.	Mar: 221
			16.686 VZ	2001	XIII CPV
galibi-maruorno	Galibí Marwôrno	patoá do	2.177 BR	2006	PIB
caripuna	Karipúna	francês	2.235 BR	2006	PIB
locono	Lokôno	aruaque	400 GF	s.d.	Mar: 220
aruaque	Aruák		4.500 SN	s.d.	Mar: 230
			20.000 GY	s.d.	Mar: 221
			248 VZ	1993	Mar: 231
palicur	Palikúr		1.330 BR	2006	PIB
			500 GF	s.d.	Mar: 220
uarau	Waráo	não classif.	36.028 VZ	2001	XIII CPV
			500 GY	s.d.	Mar: 221

Abreviaturas e notas do quadro

BR→ Brasil.

CGNT→ "Convenção para da grafia dos nomes tribais", assinada pelos participantes da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, em 1953, de modo a uniformizar a maneira de escrever os nomes das sociedades indígenas em textos em língua portuguesa. Essa "Convenção" foi publicada na *Revista de Antropologia* (vol. 2, nº 2, São Paulo, 1954, pp. 150-152) e posteriormente nas primeiras páginas (não numeradas) do volume organizado por Egon Schaden, *Leituras de Etimologia Brasileira* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976). Preferimos, entretanto, usar a ortografia oficial brasileira.

GF→ Guiana Francesa.

GY→ Guiana.

Mar→ MATOS MAR, José. 1993. "Población y Grupos Étnicos de América. 1994". *América Indígena* 53 (4): 155-234. México: Instituto Indigenista Interamericano.

PIB→ Site *Povos Indígenas no Brasil* (<http://pib.socioambiental.org/pt>), do Instituto Socioambiental.

s.d. → Sem data.

SN→ Suriname.

VZ→ Venezuela.

XIII CPV → XIII Censo de Población y Vivienda (censo venezuelano de 2001). Em:

http://venciclopedia.com/index.php?title=XIII_Censo_de_poblaci%C3%B3n_y_vivienda#Censo_de_las_Comunidades_Ind.C3.ADgenas

[Página inicial](#)

[Lista das áreas](#)